

Um clinic em Itália

Escrito por Nuno Tavares
Segunda, 16 Janeiro 2017 00:00



A constante formação de um treinador é fundamental para o seu desenvolvimento, sendo que essa formação poderá vir de diferentes maneiras.

Presenciei o meu primeiro clinic em Itália, como estrutura é semelhante aos que já presenciei em Portugal, Espanha e nos Estados Unidos, até aqui nada de novo.

O sistema em vigor em Itália, é o mesmo do que em Portugal, ou seja, cada treinador tem que ter obter um certo número de créditos, sendo que obrigatoriamente que marcar presença em 2 clinics anuais, para que a sua carteira de treinador seja renovada para a época seguinte.

Quais as diferenças então, que encontro cá e não encontro em Portugal? A experiência, e o currículo dos prelectores. Quero sublinhar que não escrevo a qualidade pois não se trata de qualidade, a razão deste artigo.

Um dos prelectores era Luca Banchi. E quem é Luca Banchi? É um treinador de 52 anos com um vasto currículo, onde se destaca selecção nacional italiana masculina de sub20, 2 campeonatos de Itália com o Montepaschi Siena (2013) e Empório Armani Milano (2014), vencedor da taça de Itália em 2014 e presença na euroliga, onde ficou na última ronda antes da Final4, perdendo apenas com o Macabi.

Durante 1 hora e 30 minutos, ouvi o treinador Banchi falar sobre o tema “Passagem da transição para o sistema de jogo, de forma contínua e sem que existam paragens”, e pensava que uma das grandes lacunas que temos no nosso basquetebol é a falta de experiência dos treinadores (que se tornam prelectores), em andar em patamares de top do basquetebol europeu.

Um clinic em Itália

Escrito por Nuno Tavares
Segunda, 16 Janeiro 2017 00:00

Com isto, não coloco em causa a qualidade, mas temos que admitir que a nossa qualidade também se mede pelos desafios que temos como treinadores e, este desafio constante que faz como que tenhamos que preparar-nos de forma diferente.

Enquanto que em Portugal, os jogadores (que mais tarde se tornam treinadores) não têm esses desafios constantes, desafios esses que passam pelas competições europeias/selecções nacionais num patamar elevado, quando se tornam treinadores a sua experiencia estará sempre limitada. Com isto, não digo que um jogador que tenha tido estas experiências, se torne obrigatoriamente um bom treinador, mas a verdade é que estas experiências constantes de estar num contexto elevado irá claramente ajudar a ter que se preparar de uma forma completamente diferente, ao contrário de quem nunca pisa, nunca vê, nunca sente, com grande regularidade, os palcos mais altos do basquetebol europeu.

O ver também ajuda aos treinadores poderem evoluir, ajudando neste ponto a presença do Benfica e do Porto nas competições europeias mas, de longe, percebo que os pavilhões continuam “vazios” para estes jogos, o que me leva a pensar que talvez o basquetebol deixou de ser tão atractivo como era antes, de quem é a culpa? É de todos! Mas continua, sempre a sensação, que nos fazem querer que não é de ninguém ou do outro.

Por aqui, sempre que posso, sempre que tenho uma tarde onde, o não ter jogo se conjuga com outro jogo, estou sentado num pavilhão a ver serie C, serie B, A2 ou fazendo 1 hora e meia para Pesaro para ver a A1.

Como treinador, cada vez que presencio um jogo, estou dentro do meu próprio clinic.

Nuno Tavares
+39 347 339 8969
nfbrt@sapo.pt
ISY